



Paulo Freire:

O legado de uma Universidade para todos

PAULO REGLUS NEVES FREIRE 1921 - 2021

En la especial ocasión de celebrar el centenario del natalicio del gran pedagogo de América, Paulo Freire (1921-1997), hemos invitado a nuestras queridas amigas Maria do Socorro Pereira da Silva y Monica Del Vecchio, incansables luchadoras de la educación popular en Brasil y destacadas investigadoras de la Universidad de Coimbra en Portugal, para ofrecer esta semblanza del legado del célebre maestro brasileño, sembrado en la necesidad de abrir la Universidad pública a todo el Pueblo, como semilla de la paz y la libertad en el Sur Global.

O centenário de Paulo Freire nos inspira a estarmos atentos à necessidade de mantermos uma pedagogia da indignação. O conhecimento, a compreensão de ser e estar, o diálogo e a ação fazem parte dessa indignação. O indignar-se com a realidade social de exclusão imposta e também construir com os oprimidos uma pedagogia do esperar -o ato de esperar em Paulo Freire é uma ação, a caminho dessa indignação, que se movimenta em Angicos, na década de 60 (século XX), em um “método de alfabetização de adultos”, cujo legado é mais que “40 Horas de Esperança”, está na base do pensamento e ações de Freire, que diz, ao discorrer sobre a necessidade de uma pedagogia da indignação: “Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para rosa que se abrirá na primavera” (2005, p.4). Paulo Freire foi um jardineiro pacientemente impaciente, que em relação à Universidade Pública percebeu que aí tinha muitos jardineiros e que havia muitos jardins a serem preparados na luta pela beleza da primavera nos setores populares.

É a partir desse contexto que Paulo Freire, como intelectual orgânico das classes populares, se movimentou na dialética da relação entre universidade e comunidade por meio da extensão. Fez desse campo, seu maior legado no compromisso acadêmico e de vida com os oprimidos, ressignificou o lugar da pesquisa em educação, questionou o falso discurso de “neutralidade” situando uma nova relação sujeito-objeto, colocou no centro do debate a democratização da educação, mas decisivamente, colocou em evidência o questionamento de uma educação elitista de alta cultura para as elites e apenas a instrução para as classes populares.



Em Angicos, como diz Paulo Freire, superamos *“a escola pelo que nós chamamos Círculos de Cultura; o aluno pelo participante do debate; a aula pelo Diálogo; o Programa Acadêmico por situações sociológicas desafiadoras que pomos diante dos grupos com quem debatemos e de quem arrancamos uma sabedoria, que existe e que é, esta sabedoria, opinativa e existencial do povo”*. (Lyra, 1996 p. 64) Assim, se refere ao projeto de alfabetização dos trabalhadores rurais, que tornaria possível o emprego do referido método. Fazer com que os participantes aprendessem a ler e a escrever como ato político-pedagógico em 40 horas em Angicos, foi (e é) um esperançar.

Paulo Freire ao interpelar-se sobre as condições das classes populares e das realidades de miséria e pobreza dos trabalhadores rurais no nordeste brasileiro, entendia que “o centro da questão não está em fazer com a pergunta “o que é perguntar?” um jogo intelectual, mas sim, viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade, testemunhá-la ao estudante[...] ir criando com os alunos o hábito, como virtude, de perguntar, de ‘espantar-se.” (Freire, 1985, p. 25), e, assim, construir uma pedagogia da pergunta demarcava um campo de possibilidade de questionamento ao processo social de exclusão como uma construção do fazer humano, superando a ideia da “vontade de Deus”. Compreendia que era fundamental um projeto de educação que pudesse se contrapor ao processo de dominação dos grupos hegemônicos e das elites locais, ao dizer:

Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autômatos, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte. Os oprimidos que se “formam” no amor à morte, que caracteriza o clima da opressão, devem encontrar, na sua luta, o caminho do amor à vida, que não está apenas no comer mais, se bem que implique também nele e dele não possa prescindir. (Freire, 2005, p.35)





Considerando esse contexto, até então invisível, foi que Paulo Freire interrogou a função social da universidade na transformação da realidade de exclusão social no nordeste brasileiro. Como educadoras populares, docentes e brasileiras, e com estória de participação em movimentos sociais, nosso caminho se cruza com o pensamento do Paulo Freire e com a realidade dos trabalhadores rurais, em razão do nosso fazer como docentes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo¹. Nesse sentido, nosso encontro é como a descoberta de Peter Higgs -foi o encontro da “partícula de Deus” ou Boss de Higgs- A “**partícula de Deus**” uniria todas as **partículas** conhecidas da matéria (férmions) e os transportadores das forças que agem sobre elas (bósons). Como classe popular, somos essa força que busca decifrar o infinito, o impossível, onde tudo se cria, recria, se transforma, se movimenta, é quantidade, mas sobretudo é qualidade.

Nesse itinerário da vida, não postulamos a crença em destino, como nos ensinou Paulo Freire, a miséria não foi o que nos soprou na divisão do mundo, como algo natural a ser aceito como verdade. Como classes populares, somos essa “partícula de Deus” que movimenta o universo como parte da natureza, na própria dinâmica da vida e da transformação da natureza. Seguramente, o popular de Paulo Freire é o questionamento à ordem que hegemoniza e perpetua a miséria que se alimenta de um povo analfabeto e sem o direito à educação, tema recorrente em Angicos e que se atualiza nos contextos das classes populares:

A fragilidade da estrutura rural e a perspectiva angustiante de futuro do homem no semi-árido, evidenciam-se ao longo da “experiência”. Há pessoas que não conseguem fazer uma refeição por dia, alguns comem palmas, outros nem o xique-xique, proibidos pelos donos das terras, com alegação de que é alimento reservado para o gado. (Lyra, 1996, p. 66).

Essa realidade coloca como necessidade a atualidade da educação e da práxis educativa de Paulo Freire na Universidade e da sua extensão aos contextos das classes populares, que, tal como em Angicos, lutam para “matar a fome da cabeça” quando o Estado retira o direito de fazer isso

1 Em razão do objetivo deste artigo ser homenagear o Centenário de Paulo Freire, optamos por focar em sua ação e pensamento pedagógicos elegendo como ponto de análise o movimento em Angicos e trabalhadores rurais -antes de mencionar as classes populares de todos os lugares- e neste sentido também referenciar o olhar de partida dessa análise, particularmente no percurso da Professora Maria do Socorro como educadora popular ligada à Educação do Campo, trabalhadores rurais e movimentos sociais, embora nossas ideias e ações educativas estejam presentes como professoras educadoras populares (do campo e urbano), participantes de movimentos sociais e se encontrem naturalmente unidas, na compreensão de e como “partículas de Deus” explicitada no texto.



de “barriga cheia”. E Paulo Freire foi, pedagogicamente, construindo um pensamento sobre essa realidade, ao dizer, que o curso em Angicos era uma possibilidade de retomar o lugar da cultura como elemento questionador do processo de dominação dos pobres no Nordeste, relacionando as circunstâncias naturais de seus territórios, como a seca, a fome e as condições sociais de desigualdades no ato educativo da pergunta, ao dizer que:

O conceito de cultura que tentei introduzir naquela época era uma tentativa, como eu disse hoje também no encontro, era uma tentativa de mostrar aos grupos de alfabetizando que se o ser humano é capaz de transformar uma realidade natural que ele não fez, então ele tem condições, posso não saber quais as condições no momento, mas ele tem as condições de transformar a realidade que é feito pelo ser humano, que é a realidade cultural, histórica e política, etc. (Lyra, 1996, p. 181).

Essa experiência revela o lugar do educador como mediador do conhecimento, ao questionar a cultura como uma construção social, diferenciando as questões naturais e as questões sociais, e a potencialidade dos sujeitos históricos na transformação da realidade. Assim, podemos afirmar, que o sonho de Paulo Freire quando foi em Angicos (1963) em seu projeto de extensão para formar (e não apenas alfabetizar) os trabalhadores rurais, hoje, sem dúvidas, se concretiza com a chegada das classes populares, rural ou urbana, à universidade e na ampliação do direito a educação.

O sonho de Paulo Freire não era apenas levar a universidade aos trabalhadores, mas organizar os trabalhadores para democratizar a universidade, para que a universidade também recebesse os trabalhadores rurais. Portanto, como educadores, principalmente os pertencentes às classes populares, é nosso dever ético-político promover e construir espaços e concepções para uma educação libertadora. É colocar em marcha esse sonho de Paulo Freire, pensando que ainda tem muitos trabalhadores rurais fora dessa universidade, considerando que a maioria das classes populares não tiveram esse direito, ao contrário, lhes foi negado até mesmo o direito a alfabetização. O que nos leva a atentar criticamente para o atual governo (Bolsonaro), que tem um projeto de sucateamento da universidade; um caminho certo à exclusão dos pobres no acesso ao ensino superior.

Na atualidade, ainda, vivemos os mesmos dilemas dos trabalhadores de Angicos: “Matar a fome da cabeça” ou encher a barriga?”, o que nos faz refletir, neste momento em que há uma celebração dos 100 anos de Paulo Freire, que este, ao denunciar a situação de miséria e pobreza dos



trabalhadores rurais em Angicos, também nos questionou e questiona, sobre o nosso lugar como acadêmicos, na construção de uma educação libertadora, ao anunciar, com testemunho concreto, sua luta por uma educação de justiça social!

É pensar no seu legado, e em como aponta os saberes populares em diálogo com os saberes científicos, serem um caminho para tirar as classes populares da invisibilidade social, reafirmar sua identidade de pertencimento, seus/nossos contextos e suas culturas. O que a experiência de Angicos nos ensina? Que os trabalhadores do campo, os oprimidos de todo lugar, os subalternizados, não estão sozinhos no mundo! Que a ação “40 Horas de Esperança”, coordenada por Paulo Freire, se transformou em uma educação como prática da liberdade! Liberdade sem a qual não somos totalmente livres e nem humanamente justos.

Maria do Socorro Pereira da Silva²
Monica Del Vecchio³

Referencias bibliográficas

- Lyra, C. (1996). As quarenta horas de Angicos: Uma experiência pioneira de educação. Cortez.
- Freire, P. (2005). Pedagogia do Oprimido. 48ª ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Editora UNESP.
- Freire, P. e Faundez, A. (1985). Por uma Pedagogia da Pergunta. Paz e Terra.

2 *Professora Adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI) do Curso de Educação do Campo no Campo Professora Cinobelina Elias (CPCE), Doutora em Educação (UFPI) com doutoramento Sanduíche no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra-Portugal, Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Ciência Descolonial, Epistemologia e Sociedade (NEPEECDES).*

3 *Especialista em Direitos Humanos Internacionais Ius Gentium Conimbrigae/Centro de Direitos Humanos - Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra-Portugal (IGC-FDUC), Pedagoga da Universidade Brás Cubas - Brasil, Professora na área de Educação de Adultos (EJA), colaboradora como Pesquisadora Acadêmica de Projetos Europeus em Educação e Direitos Humanos, com projeto de doutoramento na área de Educação de Adultos (envelhecimento, educação de adultos e direito à educação) na Universidade de Coimbra, Portugal.*

Debido a la deforestación y la consecuente afectación de las comunidades indígenas, el gobierno paraguayo ha desarrollado proyectos orientados a proteger el territorio del Chaco. Uno de estos proyectos ha dado lugar a la creación de tres parques nacionales: el Parque Nacional Defensores del Chaco, el Parque Nacional Tinfunqué y el Parque Nacional Teniente Enciso, que suman 1.100.000 hectáreas. También se planea proteger 32.000 hectáreas más, con el proyecto denominado “Corazón verde del Chaco”, al que corresponde esta imagen, con el fin de conservar el bosque nativo. La protección de bosques nativos no solo permite la reducción de la deforestación, sino también la preservación de la cultura indígena que allí habita, con sus modos ancestrales de supervivencia.

Valeria Ossa Bustamante
Colegio Mayor de Antioquia.

